

Dicionários especiais francês-português: os dicionários de expressões idiomáticas

Claudia Xatara (Universidade Estadual Paulista)

Huélinton Cassiano Riva (Universidade Estadual de Goiás)

Neste artigo faremos algumas considerações sobre dicionários que propõem um certo recorte da língua geral, numa perspectiva bilíngue, seja do português para o francês, ou do francês para o português, bem como sobre dicionários pedagógicos de francês redigidos em português.

O *Dicionário temático para aprender francês (1)* [ao final deste trabalho, são apresentadas as referências completas deste e dos demais dicionários marcados com um número em negrito] procura otimizar a aprendizagem sistemática de um vocabulário básico do francês, ou seja, aproximadamente 3 mil entradas, consideradas as unidades léxicas mais comuns da língua francesa, visando ao aprimoramento da competência léxica já adquirida ou em vias de assimilação. O vocabulário vem distribuído em 35 temas, com várias subdivisões. Há em língua portuguesa, variante brasileira, um prefácio, para orientar o estudante, seu principal público-alvo, e explicações sobre os fonemas franceses.

Ângela Vaz Leão apresenta o *Dicionário francês-português de locuções (2)*, que contou com a assessoria de Albert Audubert e Rodolfo Ilari. Esse dicionário reúne 4 mil unidades lexicais de natureza heterogênea, tanto lexias simples quanto compostas, ou mesmo expressões. Em cada verbete há uma explicação em francês da entrada, seguida de possibilidades de tradução em português brasileiro. Abonações vêm ajudar a esclarecer o emprego das palavras-entrada, que são dispostas em ordem alfabética de suas palavras-chave. Mas um índice remissivo, ao final do dicionário, também viabiliza a busca pela primeira letra das locuções.

No prefácio do *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês (3)*, Maria Tereza Biderman ressalta as principais características da obra, e na introdução, as autoras revelam estudos lexicológicos sobre os falsos cognatos. Tem-se a respectiva bibliografia consultada e uma lista de abreviaturas e sinais. À entrada seguem uma classificação morfológica e as acepções, às vezes acompanhadas da marca que indica a área do conhecimento. Verifica-se a presença de enunciados ilustrativos em todos os verbetes, assim como, entre colchetes, a indicação da tradução considerada enganosa e o correspondente adequado. Este dicionário teve uma segunda edição revisada e levemente ampliada (5).

Em *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros (4)*, há uma introdução sucinta que cita as fontes de pesquisa e as referências inspiradoras deste trabalho. Além de tratar fundamentalmente de falsos cognatos, essa obra inventaria outras dificuldades da língua francesa, de diversa natureza, e até verbetes enciclopédicos, sem maiores orientações ao consulente sobre quais tipos de unidade poderão encontrar.

Neste nosso trabalho, damos destaque, dentre os dicionários especiais, aos fraseológicos que enfocam as expressões idiomáticas (EIs), não apenas por esse tipo de unidade lexical representar o objeto central de nossas pesquisas, mas porque realmente acreditamos na importância desse gênero de obras lexicográfica.

Estudos de Saussure, publicados em 1916, os primeiros a apontar para a existência de combinações não-livres, as quais foram chamadas de “agrupamentos”.

Vários estudiosos da linguagem intuíram a existência dos fraseologismos e a inclusão de elementos fraseológicos aparece já ensaiada em muitos verbetes dos vocabulários da Idade Média, e depois começa a se efetivar nos dicionários bilíngues do século XVI, especialmente no *Dictionnaire françois-latin* (1541), de Robert Estienne (Verdelho, 1995). De um modo geral, o tratamento lexicográfico dos idiomatismos, em termos de dicionários editados no Brasil ou em Portugal, não tem se apoiado ainda em estudos e levantamentos metódicos dessas unidades, pois esses ou não foram realizados ou foram realizados de modo ocasional e incompleto.

Apesar de ter sido Saussure (1969), o primeiro a chamar a atenção para a existência de combinações não-livres ou “agrupamentos”, em publicação póstuma, no ano de 1916, ou de se atribuir a Bally (1951) o desenvolvimento das particularidades dessas combinações, são os russos, como Vinográdov que define Fraseologia como estudo das leis que restringem a combinação das palavras e dos seus significados, os reponsáveis por instituírem a Fraseologia da língua geral como uma área específica (*ap.* Ettinger, 1982; e Tristá Pérez, 1988). A partir das pesquisas dos russos, então, estudaram-se os princípios de disposição e de processamento do material lexicográfico e inclusão das unidades fraseológicas (UFs); os critérios de seleção, distribuição e definição dos fraseologismos; a análise e classificação do caudal fraseológico incluído nos dicionários gerais; o processo de arcaização e de representação das UFs sinônimas e suas variantes; e as características estilísticas dos fraseologismos (Carneado Moré, 1985).

O estudo desse ramo da Linguística vem adquirindo uma importância cada vez maior, tanto do ponto de vista teórico, na investigação das regras léxicas, semânticas e gramaticais, como do ponto de vista prático, no ensino/aprendizagem das línguas nacionais e estrangeiras, na elaboração de dicionários etc.

As expressões idiomáticas traduzem um hábito verbal e passam por dois estágios: 1) o processo de cristalização que as torna estáveis em significação e, 2) a frequência de seu emprego. Assim, num nível mais abstrato da linguagem, consome-se o processo de lexicalização, categorizando-as para integrarem a nomenclatura de um dicionário de língua, ou, de modo mais específico, de um dicionário fraseológico.

Entretanto, os dicionaristas parecem ainda esbarrar na questão de se considerar as lexias complexas como entradas separadas. Ora, se as EIs são grupos de lexias indecomponíveis em perspectiva sincrônica e se são tidas como “unidade” pela análise distribucional ou funcional, correspondendo a significados precisos, deveriam, pois, constituir entradas específicas nos dicionários, ao menos nos fraseológicos.

Além desses fatores, há outro inconveniente para se localizar num dicionário uma EI que não seja entrada do verbete: qual o critério seguro e único para distinguir como palavra-chave uma das unidades lexicais de uma expressão e não outra, e então, no verbete em que essa unidade for a encontrada, chegar a tal idiomatismo? Normalmente a escolha da palavra-chave depende do tipo do dicionário (em sua maioria, na versão mono ou bilíngue, são alfabéticos, semasiológicos, não-analógicos e não-nocionais) e do seu objetivo (compreensão do desconhecido ou procura da expressão mais apropriada). Não há dúvida, porém, que se o usuário encontrasse as lexias complexas como entradas, a consulta seria realmente eficaz, embora tal procedimento resulte num aumento significativo do *index verborum*.

Sabe-se, ainda, que o dicionário de língua privilegia uma norma lexical, um uso do léxico dentre todas as possibilidades de uso pela comunidade linguística. Isso significa que a inclusão de outros usos representa geralmente a boa-vontade dos lexicógrafos. Ao analisar, por exemplo, como são tratadas algumas EIs no “Aurélio” (1999) e no “Houaiss” (2001) — como são conhecidos dois dos principais dicionários monolíngues brasileiros —, verifica-se que na maioria das expressões marcadas apenas como “locuções”, constam apenas os significados e são raras as indicações de nível de linguagem e/ou exemplos. Há ausências surpreendentes como a das EIs “armar um barraco” e “dizer cobras e lagartos” no *Houaiss*, apesar de comprovadamente frequentes. Nesse dicionário, dentro do verbete “pressão”, por exemplo, encontramos sem problemas *pressão alta* ou *pressão atmosférica*, ao lado da expressão gírica *marcar sob pressão* (circunscrita ao meio futebolístico) e também a EI *sob pressão*. Não encontramos, todavia, nessa mesma entrada, nem *sofrer (muita) pressão*, tampouco *pressionar contra a parede*, ambas bastante frequentes.

Isso não ocorre, porém, somente em dicionários brasileiros. Dicionários reconhecidos internacionalmente também possuem suas imperfeições no que diz respeito ao tratamento das EIs, como no caso do dicionário inglês *Longman* (2004) e do francês *Le Petit Robert* (2009): há incongruências no critério que determinou que elemento de uma expressão é a palavra-chave (ora é o primeiro, ora o segundo substantivo de uma EI nominal, por exemplo); os exemplos e indicações do nível de linguagem são escassos e muitas EIs comuns não constam nem da nomenclatura nem da microestrutura desses dicionários.

Nos dicionários bilíngues de língua geral, as inadequações acima mencionadas são semelhantes, embora os idiomatismos se encontrem presentes como subentradadas nas obras de referência desde o século XVI. Na maioria das vezes, os bilíngues trazem somente as definições das EIs selecionadas, procedimento que elucida o seu significado, mas que não oferece uma expressão correspondente, de semelhante valor idiomático, para o texto de chegada. No *Dicionário escolar francês-português / português-francês* (6), a expressão francesa *prendre racine* possui como definição “enraizar-se”; “arraigar-se”. Porém, não há nenhuma indicação de que se trata de um idiomatismo e não oferece ao consulente uma EI equivalente em português, como “criar raízes”, o que garantiria o mesmo nível de expressividade ao texto traduzido.

Outro exemplo seria o “Azevedo” (1988), onde constam, como subentrada de *gato*, os idiomatismos *fazer gato e sapato de alguém* ou *passar como um gato sobre as brasas*. No entanto, a obra não apresenta a EI *como cão e gato*, bastante usual e que figura na entrada do substantivo *chat* (gato) do mesmo dicionário, mas na direção francês-português. A entrada *chat* é bem maior que a entrada *gato* e, por isso, apresenta maior número de acepções e de idiomatismos relativos a esse animal e que poderiam muito bem ser incluídos na direção português-francês.

Quanto à Fraseografia propriamente dita, que se incumbe da produção dos dicionários fraseológicos, a relevância do trabalho de Sinclair, entre os anos 1980-87, é ratificada por Moon (2008), pois ele foi um dos primeiros lexicógrafos que teve a preocupação de documentar, em seu projeto *Cobuild* (*apud* Moon 2007), os padrões fraseológicos encontrados em *corpus*, e apontar para a prática lexicográfica a interdependência da Fraseologia e do significado e os problemas do insatisfatório estatuto da palavra ortográfica.

No entanto, sob o título de “dicionários de locuções” ou “dicionários de expressões idiomáticas”, encontramos obras bastante incompletas. São coletâneas de verbetes, isto é, de entidades lexicais de natureza heterogênea: ora referem-se a “armadilhas” de certa língua estrangeira onde até um pronome de tratamento é incluído como EI; ora referem-se a problemas de regência verbal, coloquialismos e gírias; outras vezes são identificadas como frases feitas ou clichês. Assim se enquadram os dicionários em português de Ribeiro (7), Cascudo (8), Silva (9) e Pugliesi (10), ou o bilíngue (francês-português) de Bretau & Mattos

(11). Neste último, vemos que, apesar de seu título específico, a obra trata também de outros tipos de fraseologismos, como os provérbios. Há um prefácio, uma nota dos autores e uma breve orientação metodológica, que apresentam o conteúdo do dicionário com algumas especificações conceituais. Dentre suas entradas constam, por exemplo, EIs como *plier bagage* (“arrumar a trouxa”) misturadas a provérbios (*Qui aime bien, châtie bien* → Quem dá o pão, dá o castigo) ou a simples locuções gramaticais (*aussi bien que* → assim como). Confirmamos, assim, o que diz Borba (1990) em relação aos dicionários de língua também para um dicionário especial: o primeiro problema para a sua elaboração está na escolha de critérios que garantam a seleção adequada das informações.

Além disso, poucos são os dicionários especiais (como o de Galisson, 1984, e o de Duneton & Claval, 1990), que combinam a classificação alfabético-semasiológica e onomasiológica, para darem conta, ao mesmo tempo, do aspecto funcional que é o da eficácia e rapidez da procura de uma expressão, e do aspecto (epistemo)lógico que é o da procura de uma expressão a partir da noção capaz de “condensar” em uma palavra ou *conceito-chave* a significação da EI em questão.

Enfim, dicionários fraseológicos ou analógicos monolíngues, que informem sobre diferentes restrições gramaticais e sociolinguísticas das EIs, utilizando símbolos claros e uma tipologia transparente, serviriam melhor a usuários nativos ou estrangeiros, do que dicionários que visem apenas à quantidade das expressões descritas (Bárdosi, 1992).

Se para os dicionários gerais, por não interessar marcar a especificação das diferentes UFs (Iriarte Sanromán, 2000), normalmente todas as EIs constam ao final do verbete sob o rótulo de “locuções”, termo demasiadamente genérico que encerra qualquer forma funcional de organização dos elementos disponíveis da língua (como é o caso de “às pressas”, “desde que”) e não uma maneira de exprimir algo que implique alguma retórica ou supõe alguma figura, para os dicionários fraseológicos, a delimitação do tipo de fraseologismo tratado deve transparecer no próprio título da obra.

Em relação a dicionários fraseológicos bilíngues, o lexicógrafo, além de identificar combinatórias como uma unidade de tradução mínima, pois embora sejam lexias complexas, são as menores unidades de funcionamento sintático (Molinie, 1986), deverá propor um equivalente que não se reduza às mesmas paráfrases apresentadas pelos dicionários gerais de língua, precisando suas condições de emprego. Assim, para *faire naufrage au port*, por exemplo, temos que encontrar nos dicionários fraseológicos, além da paráfrase definicional “ver todos os projetos desfeitos quando mais prometiam realizar-se”, um equivalente fraseológico caso exista, como “morrer de sede na beira do poço”. Só nos casos em que a lexia complexa de uma cultura não encontrar correspondente na outra, é aconselhável que se reduza a explicações parafrásicas.

Isso posto, intentamos discorrer sobre a organização dos fraseologismos, e em especial das EIs, nos dicionários. Em relação à organização macroestrutural, começemos a levantar características e problemas na seleção da nomenclatura. Essa seleção, como a de qualquer outra nomenclatura em qualquer tipo de dicionário, submete-se a um princípio filológico: a UF a ser inventariada deve figurar em uma fonte “autorizada”. Sabemos que na Lexicografia tradicional, as fontes utilizadas dificilmente se baseiam no discurso anônimo do cotidiano ou nos usos escritos espontâneos, mas se restringem aos discursos escritos valorizados socialmente, como o literário e o científico, considerados como duráveis ainda que de escolha aleatória (Rey & Delesalle, 1979). A maioria dos dicionários fraseológicos, no entanto, deve-se valer justamente de fontes que retratem a linguagem coloquial, pois esta é aquela se serve abundantemente dos fraseologismos. Na atualidade, vários pesquisadores (COLSON, 2003, 2006, 2007; Grefenstette & Nioche, 2000; Kilgarriff & Grefenstette, 2003; Grefenstette, 2004) propõem a Web como o *corpus* mais adequado para extração de UFs porque, apesar de ser

rotulada como uma fonte secundária de dados linguísticos, trata-se de uma fonte de fácil acesso, atualizada constantemente, rica em linguagem coloquial e, portanto um *fértil terreno* que não pode ser abandonado para uma produção lexicográfica como a nossa. Assim, dicionários já existentes e Web podem ser articulados para servir como parâmetro ou ponto de partida para investigações lexicográficas.

Há de se considerar ainda que um fraseologismo pode ter um emprego inusitado, raro ou corrente quanto à sua frequência no atual estágio sincrônico da língua. A frequência poderia ser um critério fundamental para que uma EI constasse num dicionário geral; já nos fraseológicos, a nomenclatura pode ser estendida a unidades menos usuais, vinculadas geralmente a conceitos que perderam vigência e deixaram de satisfazer a necessidade de expressividade dos usuários (Carneado Moré, 1985), desde que devidamente marcadas, o que viria a testemunhar o registro lexical fraseológico de outras épocas ou mesmo na atual, a partir de estudos de EIs neológicas. A questão, porém, que resta ainda resolver, de modo mais consensual entre os lexicógrafos, e com maior cientificidade, é qual deve ser o limiar de frequência que garanta, ou exija, a presença de qualquer unidade lexical em um dicionário, ou das UFs em dicionários específicos, visto que, na verdade, a frequência é condicionada por diversos fatores, como o meio social, a situação, as preferências pessoais (Messelaar, 1988). Mas, de acordo com Colson (2003), podemos selecionar como a frequência mínima para um idiomatismo ao menos uma ocorrência a cada milhão de palavras.

No que concerne à disposição das entradas selecionadas, cabe decidir pela organização alfabética das palavras-chave, núcleos ou bases dos fraseologismos ou da primeira palavra de cada UF. A organização pelas palavras-chave, favorita dos dicionários gerais, traz o inconveniente de uma busca mais trabalhosa para o consulente, pois muitas vezes a palavra-chave que foi considerada pelo dicionarista não foi a primeira escolha do usuário. Aliás ou convencionou-se que essa palavra determinará, em grande medida, o significado da expressão, pois constitui o seu centro semântico e leva consigo a maior força ou carga metafórica (Ortiz-Álvarez, 2000), ou se convencionou uma ordem de classe gramatical, com os substantivos das UFs, por exemplo, prevalecendo como palavra-chave sobre os verbos e estes sobre os adjetivos e assim por diante. Já a organização pela primeira palavra do fraseologismo revela um problema de segmentação (o início da unidade para o consulente [por exemplo, “estar na flor da idade”] pode não ser o mesmo que o dicionarista utilizou [“na flor da idade”]). Desse modo, parece realmente não haver um critério totalmente favorável ao usuário como defende Welker (2004) em prol das palavras-chave. Outra consideração a se fazer é que em um dicionário fraseológico não cabe o mesmo sistema de lematização que o adotado nos gerais, pois lexias complexas só utilizadas no plural ou só em determinado tempo ou pessoa verbal devem ser assim lematizadas.

Quanto à microestrutura, na maioria dos monolíngues gerais, a compreensão das definições completa-se apenas eventualmente com indicativos que esboçam - muito grosseiramente - uma configuração dos usos da língua. Nos bilíngues, esses indicativos, quando aparecem, muitas vezes não são suficientes se não forem acompanhados por traduções que também observam as mesmas marcas na LE, sejam elas marcas de frequência de uso, de espaço, de tempo e sociais.

Um aspecto diacrônico é a filiação histórica de uma UF, com a determinação de sua origem e datação do primeiro emprego conhecido, ou ainda da evolução semântica pela qual passou sua motivação original. Em dicionário fraseológico de perspectiva sincrônica, contudo, não importa determinar, por exemplo, as motivações que levaram à criação da EI “pulo do gato”. Aliás, é muito comum dicionaristas apresentarem explicações fantasiosas como, nesse caso, da história de um gato que ensinou tudo o que sabia a uma onça, menos dar um pulo para trás, o que justamente o salvou do ataque de sua aprendiz. Mas é justamente essa

dificuldade “embrionária” que respalda a vários estudiosos não se referir a determinadas expressões fraseológicas, como idiomáticas, no sentido restrito de “originárias” daquele idioma em questão, ao que contra-argumentamos com a noção lato de idiomático, compreendido enquanto fraseologismos “empregados” por usuário daquele idioma.

As diferentes acepções de uma mesma UF devem também ter atenção dos lexicógrafos de dicionários especiais (como *mostrar os dentes* que pode significar «mostrar agressividade» ou «sorrir abertamente»), ainda que a polissemia não ocorra abundantemente na fraseologia, pois uma UF tem no geral menos mobilidade contextual que uma unidade lexical qualquer, isto é, não se manifesta livremente em relação semântica e gramatical com outras palavras (Carneado Moré, 1985). Por outro lado, muitas vezes encontramos as mesmas idéias com diferentes formulações fraseológicas (casos de fraseologismos similares ou sinonímia: *levantar acampamento* e *puxar o carro*), ou idéias contrárias (casos de fraseologismos opostos ou antonímia: *perder / ganhar*). O mesmo ocorre entre mais de uma língua, sendo equivalentes interlinguais por exemplo os provérbios: *Uma andorinha só não faz verão*, *Una golondrina sola no hace verano*, *Una rondine non fa primavera*, *Une hirondelle ne fait pas le printemps*. Por isso Lausberg (1981) diz que os fatos convergentes (os sinônimos fraseológicos) são a prova da unidade na diversidade, mas que o número de fraseologismos totalmente convergentes entre línguas diferentes é bem reduzido, mesmo em se tratando de unidades fraseológicas formuladas por povos diferentes, mas que falam uma mesma língua: é o caso do idiomatismo brasileiro “carne de vaca”, em contraposição ao português *vulgar de Linen*.

No que diz respeito aos exemplos para cada fraseologismo, além de todas as características dos exemplos de qualquer unidade lexical em dicionário geral, que podem ser muito ricos em informação gramatical, pragmática ou sobre a combinatória lexical, verifica-se que eles têm a função de determinar se o sentido da UF é autônomo ou dependente do contexto. Assim, o exemplo de um EI autônoma apenas ilustra seu uso (como é o caso para *passar desta para uma melhor*), pois sua definição bastaria para dar a entender o sentido de “morte”. Já o exemplo do fraseologismo dependente do contexto é o que lhe determinará o próprio caráter fraseológico (como *cruzar os braços* que em contexto denotativo não mais se trata de uma UF [Tristá Pérez, 1988]).

Além do significado, é importante informar sobre as restrições transformacionais e de combinabilidade dessas unidades polilexicais ao usuário do dicionário. Assim ele fica sabendo que, por exemplo, *tirar um barato* não ocorre na voz passiva, e que o sujeito dessa expressão verbal sempre é humano.

Quanto ao espaço, impõe-se a questão dos domínios geográficos diferentes, qualificando os empregos como regionais. Essas marcas correspondem à expansão da nomenclatura em relação a uma norma “central” e são delicadas tanto na descrição de fraseologismos de um idioma falado em países de grandes dimensões, caso do Brasil, como em países menores, mas com várias “etnias” bem delimitadas, por exemplo, a Espanha.

Em relação às marcas sociais ou diastráticas, não há critério realmente preciso para se distinguirem os diversos níveis de língua ou marcas estilísticas. Uma vez que as fronteiras entre os níveis são cada vez mais questionáveis, alternam-se dentre os dicionários e suas definições não têm valor absoluto (Heinz, 1993). Segundo Bárdosi (1992), dever-se-ia utilizar menos classificações, mas bem escolhidas e claras, para qualificar unicamente o que se afasta de modo evidente e pronunciado de um uso linguístico neutro, no sentido amplo do termo. Assim, teríamos principalmente o nível culto (em que o fraseologismo, como “ou vai ou não vai”, é utilizado em uma linguagem formal, com um vocabulário mais rebuscado), em contraposição ao nível coloquial (no caso de UFs como “ou vai ou racha”, encontradas em linguagem informal, que revela intimidade entre os interlocutores, em uma situação de comunicação descontraída [Peytard & Génouvrier, 1970]) e ao nível vulgar (como “ou caga ou

sai da moita”, mais adequado para classificar fraseologismos que chocam, estando mais associados a uma intencionalidade situacional do que a identificação de um grupo sociolinguístico). E além dos níveis e registros de língua, um dicionário fraseológico não poderia deixar de apontar os valores das unidades descritas, apresentando nuances de efeito pejorativo (emprego que manifesta uma atitude hostil como em “politiqueiro” para desonestidade, “judeu” para designar pessoa avarenta ou “perua” para mulher que almeja vestir-se com elegância mas exagera e se torna extravagante), irônicos (emprego da antítese para se dizer o que pensa como em “sutil como um elefante numa loja de cristais”).

Além da tradicional classificação semasiológica, seria muito útil, para dicionários fraseológicos que assumissem a função de atenderem às necessidades de produção textual, uma ordenação onomasiológica que agruparia os fraseologismos relacionados sob conceitos-chave que dessem conta de sua significação. Por exemplo: o conceito EMBRIAGUEZ reuniria a série *bêbado como um gambá, encher a cara, encher a lata, entortar o caneco, estar alto, estar chumbado, estar mamado, meio alto, passar da conta, tomar todas*.

Segundo Binon e Verlinde (no prelo), a organização onomasiológica é fundamental porque facilita não apenas a integração da UF, mas também sua memorização, portanto, bastante funcional para aqueles que trabalham com ensino/aprendizagem do léxico ou desenvolvem trabalhos em Lexicografia Pedagógica.

No que se refere especificamente à Fraseografia bilíngue, deparamo-nos inevitavelmente com o viés da Tradução e do Ensino-aprendizagem de línguas. Como indica Lerat (1995), os tradutores compartilham a mesma convicção que professores de língua estrangeira e lexicógrafos: o domínio de uma língua passa pelo domínio de suas UFs, o que também é enfatizado por Borba (2003). No ensino/aprendizagem de uma LE, a absorção de vários tipos de fraseologismos mostra maior domínio do idioma estrangeiro, dando fluidez ao discurso do aprendiz, além de revelar aspectos culturais da sociedade que utiliza da língua estrangeira estudada.

Roberts (1996) acredita que a aprendizagem de fraseologismos em língua estrangeira, para os quais ainda não existem estratégias pedagógicas adequadas, é fonte de grande dificuldade, pois carregam uma *carga cultural compartilhada* (Galisson, 1988), comumente só compreendida entre os nativos. Por isso os dicionários bilíngues deveriam reservar-lhes uma atenção especial. Já Binon e Verlinde (no prelo), não concebem um dicionário que se pretenda pedagógico sem um tratamento cuidadoso e detalhado das UFs. Como na maioria das vezes isso não se verifica de modo sistemático nem satisfatório, seja nos dicionários bilíngues seja nos plurilíngues para aprendizes de língua estrangeira, cabe mesmo ao dicionário fraseológico bilíngue descrevê-los e propor UFs equivalentes, apesar das divergências lexicais e culturais entre fraseologismos de línguas diferentes, uma vez que as línguas têm imagens diferentes para expressar conceitos suficientemente próximos para serem adequados à tradução (Loffler-Laurian, Pinheiro-Lobato, Tukia, 1979). Mas o lexicógrafo de dicionários fraseológicos bilíngues deve lembrar que o usuário não fará uma consulta apenas para buscar a equivalência, mas sim para levar a cabo as tarefas de decodificação (compreensão), de codificação (produção) ou de tradução de formas que pertencem a um discurso.

Em termos de Fraseografia portuguesa e brasileira monolíngue ou bilíngue português-francês, podemos indicar, para este trabalho, alguns poucos dicionários que vêm se preocupando com essas questões ao menos em parte: os dicionários produzidos pelos portugueses Nogueira (12), Neves (13) e Louceiro et al. (14), e pelos brasileiros Xatara e Oliveira (15, 17), Xatara (16) e Riva e Xatara (18).

Dos dicionários acima, propomos uma breve descrição dos três últimos. O dicionário nº 15 de nossas referências, o *PIP* de 2002, caracteriza-se como uma obra de consulta rápida e prática, destinado a tradutores e escritores, acadêmicos e estudiosos, bem como para todas as

peessoas que utilizam o francês da França e o português do Brasil, considerando sua herança cultural popular, coloquial e erótico-obscena. A primeira parte do dicionário, referente aos provérbios, observando a tradição da sabedoria popular, apresenta uma coletânea de 1.103 provérbios do português, apresentados por palavras-chave, e seus equivalentes em francês. A segunda parte, dos idiomatismos, conta com uma ampla pesquisa que traz 9.000 expressões idiomáticas do francês e suas traduções para o português, e 6.900 expressões do português do Brasil traduzidas para o francês. Os idiomatismos vêm dispostos por ordem alfabética e as traduções procuram respeitar a idiomaticidade e o nível de linguagem das expressões. Já na terceira parte, a dos palavrões: temos cerca de 3.500 termos franceses e 4.000 brasileiros, entre palavrões e expressões erótico-obscenas, divididos em oito campos semânticos: a relação sexual, as fases da relação sexual (excitação, sedução, orgasmo, coito interrompido, impotência e frigidez), os parceiros, os órgãos genitais, as principais zonas erógenas, as posições, outras práticas sexuais (masturbação, coito oral, felação, cunilíngua, coito anal heterossexual, homossexualismo masculino, lesbianismo) e a prostituição.

Em 2008, foi lançado o *Novo PIP* (o nº 17), praticamente um novo livro, uma vez que, em vez de apresentar uma lista quantitativa de provérbios, idiomatismos e palavrões de ambas as línguas, contém apenas os exemplares de uso popular frequente. Para tanto, as autoras utilizaram a *web* como *corpus* de grande dimensão e se basearam em análise de frequência. Assim, encontramos os 450 provérbios, 2.459 idiomatismos do francês e 1.459 do português e 1.185 palavrões presentes na obra, todos acompanhados de descrição definicional, contexto situacional e conceito subjacente.

Já o dicionário *on-line* de 2007 (o nº 16) descreve somente as expressões idiomáticas usuais em ambos os idiomas, já indicando definições parafrásicas, marcas de níveis de linguagem, contextos, outras expressões similares ou opostas e os equivalentes na língua-alvo. Para facilitar a consulta, são oferecidas quatro interfaces ao usuário, que vão muito além da organização semasiológica habitual: 1) a busca por meio de uma lista das EIs dispostas em ordem alfabética; 2) pela digitação da expressão em qualquer uma das línguas em questão (“coração de pedra”, por exemplo); 3) por qualquer unidade lexical que seja um elemento de composição da EI (digitando apenas “pedra”, obtém-se: “colocar uma pedra em cima”, “coração de pedra”, “dormir como uma pedra”, “jogar pedra”, “louco de pedra”, “pedra angular”, “pedra de toque”, “pedra no meio do caminho”, “pedra no sapato”, “pôr uma pedra em cima”, “sono de pedra”); ou 4) por uma lista de conceitos (dentre os quais, caso se busque por “insensibilidade”, chega-se também à “coração de pedra”).

Por fim, o *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil* (18), que está no prelo (com previsão também de uma versão *on line*), oferece 1562 idiomatismos organizados alfabeticamente em quase 400 conceitos por meio de uma busca que possibilita a apresentação das analogias existentes entre as EIs. Cada entrada é seguida por uma definição sucinta e por nuanças entre colchetes, contendo informações como níveis de uso e/ou informações concernentes a origem comprovada ou suposta, com o intuito de introduzir ao usuário elementos alusivos que lhe facilitem a memorização da expressão. Logo após essas informações há os contextos, que representam abonações extraídas da *web*. Ao final da obra, é disponibilizado um índice remissivo das EIs contempladas em nosso trabalho, sobretudo para que o usuário possa encontrar com facilidade o idiomatismo. Assim, o dicionário possibilita também a observação de idiomatismos polissêmicos, caso de *última palavra*, que indica ATUALIDADE ou DEFINIÇÃO; *trazer à luz*, EXPLICAÇÃO, NASCIMENTO ou REVELAÇÃO; *sem mais nem menos*, MOTIVO ou IMPREVISTO; *sujar a barra*, PROBLEMA ou REPUTAÇÃO; ou *encher a cabeça*, ENGANO ou IRRITAÇÃO.

Considerações finais

As UFs são unidades de base, tanto quanto as unidades lexicais simples, devendo ser integradas sistematicamente no inventário dos elementos lexicais constitutivos das estruturas semiológicas da linguagem. E, justamente por representarem um dos problemas prioritários da descrição léxica, o tratamento lexicográfico dos fraseologismos, seja em dicionários de língua geral, seja em dicionários especiais, revela problemas teóricos (definicionais), práticos (apresentação nos dicionários de língua geral) e técnicos (nos casos de obras lexicográficas em CD-ROM ou *on-line*).

O sistema de inclusão dos idiomatismos nos dicionários gerais ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da nomenclatura, se as EIs vierem como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como subentradas. Os dicionários monolíngues muitas vezes não delimitam claramente essas combinações sintático-semânticas frequentes e fixas, isto é, cristalizadas pelo uso em uma língua, identificando-as como tais, mas as incluem entre os diferentes sentidos figurados de um dos elementos da EIs. E além de os monolíngues nos darem apenas paráfrases semânticas das EIs, somente um pequeno número dessas unidades cristalizadas constam num dicionário bilíngue e são especificadas com traduções também frequentes e cristalizadas - sempre que possível -, a fim de se favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira.

A elaboração de dicionários especiais de EIs também carece de sistematização, pois geralmente essas expressões são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a elas unidades lexicais muito heterogêneas e heteróclitas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais, perífrases verbais, provérbios, ditados, gírias, vulgarismos, fraseologismos técnico-científicos, etc.

Entendemos que na Lexicografia fraseológica deve-se evitar a heterogeneidade na natureza das entradas ou incluir uma classificação da natureza de cada unidade descrita. Além disso, nos dicionários bilíngues de EIs, o lexicógrafo deve tentar propor equivalentes tão idiomáticos quanto os da língua de partida. Para isso, ele se vale de diversas fontes: sua competência linguística, a competência linguística dos informantes, outros dicionários e os *corpora*.

Salientemos, finalmente, que outras informações como ilustrações, nível de linguagem, frequência e marcas cronológicas também são de bastante importância, devendo ser inseridas na microestrutura sempre que possível.

Referências dos dicionários especiais destacados

- (1) HERRMANN, Reinhild, RAUCH, Rainer, 1991, *Dicionário temático para aprender francês*. Trad. de Samira Iunes. São Paulo, EPU, 321 p.
- (2) CAMPOS, Aluísio Mendes, 1980. *Dicionário francês-português de locuções*. São Paulo, Ática, 301 p.
- (3) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 1995, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 233 p.
- (4) BATH, Sérgio, BIATO, Oswaldo, 1998, *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 163 p.
- (5) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2008, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. 2ª ed. São Paulo, Schimidt, 364 p.
- (6) CORRÊA, Roberto Alvim, STEIBERG, Sary Hauser, 12982, *Dicionário escolar francês-português / português-francês*. 7ª ed. Rio de Janeiro, FENAME.
- (7) RIBEIRO, João, 1960, *Frases feitas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

- (8) CASCUDO, Luís da Câmara, 1977, *Locuções tradicionais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FUNARTE, Natal, UFRN, 236 p.
- (9) SILVA, Euclides da Cunha, 1975, *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch, 419 p.
- (10) PUGLIESI, Mário, 1981, *Dicionário de expressões idiomáticas - locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo, Parma, 309 p.
- (11) MATOS, João Paulo Juarena, BRETAUD, Robert, 1990, *Dicionário de idiomatismos francês-português / português-francês*. Rio de Janeiro, Marques Saraiva, 257 p.
- (12) NOGUEIRA, António, 1990, *Novos dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa, J. Sá da Costa.
- (13) NEVES, Orlando, 1991, *Dicionário popular de frases feitas*. Porto, Lello & Irmão.
- (14) LOUCEIRO, Clénir *et alii*, 1997, *Léxico coloquial do Português luso-afro-brasileiro. Aproximações*. Sete Vozes, Lisboa, Lidel.
- (15) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2002, *PIP – Provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 363 p.
- (16) XATARA, Cláudia, 2007, *Dictionnaire électronique d'expressions idiomatiques français-portugais / portugais-français*. Nancy, ATILF/CNRS. Disponible sur: http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/.
- (17) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2008, *Novo PIP – Provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 669 p.
- (18) RIVA, Huéinton Cassiano, XATARA, Cláudia, no prelo, *Dicionário de expressões idiomáticas usuais no Brasil: organização onomasiológica*. Curitiba, Editora Honoris Causa..